

O trabalho sócio-educativo em contextos não formais – análise de uma realidade

Irene Cortesão
Gabriela Trevisan
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

irenecortesao@esepf.pt
gabriela.trevisan@esepf.pt

Palavras-chave: intervenção comunitária, trabalho sócio-educativo, educação não formal, juventude, intervenção educativa.

Resumo

Esta pretende ser uma análise fundamentada de um projecto de educação não formal – *Juventudes* – desenvolvido na cidade do Porto, num período de 20 meses, altura em que a equipa deste mesmo projecto deixou de trabalhar no mesmo, fruto de incompatibilidades com a equipa técnica supervisora, devido a divergências ao nível da filosofia do projecto.

Num primeiro momento, procurar-se-á fazer uma contextualização teórica dos problemas identificados, das filosofias seguidas e das metodologias utilizadas. Num segundo momento, far-se-á uma descrição do projecto, do público-alvo a que se dirigia, das necessidades detectadas, das potencialidades exploradas, dos objectivos tratados e das metodologias de intervenção escolhidas. Num terceiro momento, far-se-á uma avaliação dos resultados conseguidos.

Intervenção num contexto de educação não-formal

Educação formal *versus* Educação não Formal

Quando falamos em Educação Formal, pensa-se num tipo de educação que acontece dentro do espaço Escola, enquanto espaço que ministra uma determinada conduta de valores e regras – um tipo de educação ordenado, orientado e muito disciplinado com vista à obtenção de certificados sociais (Magalhães, F., 2000:55). Por outro

lado, ao falar de Educação Não Formal, está-se a falar de um tipo de educação cujos objectivos também estão ligados à socialização do indivíduo na sociedade, mas que se diferencia da Formal pela forma como se aplicam os seus objectivos, actuando, normalmente, de forma mais amplificada, menos hierárquica e menos burocrática. Pretende ser um trabalho educativo, desenvolvido à medida, e em função de problemas e grupos específicos, com estratégias e metodologias complementares e alternativas às formas de organização tradicionais (escola, formação profissional...), recorrendo a diferentes actividades dentro do campo da educação não formal – todas as actividades são planeadas em conjunto com os grupos (atendendo à especificidade de cada membro do grupo); as actividades são frequentadas voluntariamente (sem estarem sujeitas a estruturas rígidas e formais, como por exemplo, na escola); o planeamento é feito de forma flexível, tendo em conta o percurso de cada um, onde a aprendizagem se faz o de modo, flexível e informal, em espaços de convívio e de relacionamento menos formais; as regras deverão ser também definidas em conjunto com cada grupo, explicitando-se a forma de estar, e clarificando-se objectivos a atingir com cada actividade.

A Educação Não Formal procura um equilíbrio entre a anarquia e a ordem, e as suas actividades podem-se ampliar não só aos pequenos grupos específicos de trabalho, como a toda a comunidade sem determinação de idades (Porcher, L, 1997) As instituições onde acontece este tipo de educação necessitam de uma estrutura interna muito bem organizada, uma vez que se propõem trabalhar com actividades muito variadas e com públicos muito diversificados.

A Educação Não Formal acontece, então, sempre fruto de planificações cuidadas e avaliações reflectidas. Nada pode acontecer por acaso As actividades são pensadas de acordo com objectivos específicos e são planificadas em função do grupo – muitas vezes, também, em função do indivíduo – o que exige uma constante capacidade de

avaliação e de reajuste das planificações. A Educação Não Formal que aqui se procura definir acontece, sobretudo, em contexto de intervenção comunitária sócio educativa.

Entende-se o trabalho sócio-educativo como um trabalho sistemático e estruturado, que pretende ser uma resposta a diferentes grupos, com necessidades distintas, e sujeitas a factores de vulnerabilidade diversos (ex: desemprego, emprego precário, pobreza, exclusão social, abandono escolar, baixas qualificações, etc...).

Intervenção Comunitária

“Considerar a intervenção social como um acto exclusivamente técnico é esquecer a dimensão ideológica e política que subjaz em todo o comportamento social” (Quintas, Froufe; Castaño, M. Angels, 1994:218)

Desta forma, quando se fala em “intervenção comunitária”, não se pensa realmente só em animar espaços ou grupos de indivíduos. A animação comunitária é entendida como uma intervenção sócio-educativa de carácter não formal.

“A animação deveria converter-se em pedagogia de compreensão e de intervenção (...)”, isto é, “(...) organizar relações com maior liberdade e autonomia; permitir uma eleição mais pessoal das actividades e das relações; dar ‘vida’, reconhecendo a existência de um sujeito autónomo que participe no desenvolvimento do mundo ao qual pertence; não continuar assegurando a transmissão de uma habilidade e ter em conta a diversidade de situações” (Besnard, 1991:19)¹.

É assim importante construir programas e usar métodos que dêem importância à aprendizagem individual de vários tipos, dando mais ênfase à organização de práticas que ajudem esses tipos de aprendizagem na escola. Acredita-se que a interacção física-emocional-intelectual facilita o envolvimento total dos jovens/crianças/adultos,

ajudando a formar uma estrutura conceptual através da experiência vivida, que pode levar ao gosto pela descoberta e motivar para a realização do seu alto potencial ao nível do desenvolvimento intelectual e emocional.

O desenvolvimento emocional resulta, para além da influência do meio envolvente, das oportunidades de compreender, manipular e interagir com pessoas e objectos. Acredita-se que, especialmente no caso do público deste tipo de actividades, se deve enfatizar a importância dos modos não-verbais de comunicação e de cognição. O aspecto cognitivo (intelectual) e o aspecto afectivo (emocional) que se desenvolvem, estão fortemente interligados (Aronoff, 1979:3)

Os métodos de trabalho utilizados deverão ser extremamente diversificados, englobando um leque de actividades e metodologias o mais variado possível de forma a dar resposta a diferentes tipos de necessidades detectadas.

As diferentes expressões – plástica, musical, corporal, dramática e escrita – são utilizadas muito frequentemente como instrumentos privilegiados que permitem, num contexto de educação não formal, desenvolver capacidades pessoais que se considerem importantes, quer para o grupo quer para o indivíduo. A experiência estética permite, acredita-se, estimular a imaginação e sentimentos, enquanto que a experiência artística permite a criação de bases para que a cognição, conceitos, juízos e acções se desenvolvam, e ao desenvolver a imaginação desenvolvem-se também as ideias, os valores, os objectivos e as teorias.

Segundo Read, “A educação pode ser definida como (...) o cultivo dos modos de expressão” (1982:24). Assim, educar será trabalhar “(...) com as crianças e os adultos no sentido de produzir sons, imagens, movimentos ferramentas e utensílios. Um homem que consegue fazer bem estas coisas é um homem bem educado (...). O objectivo da educação é a criação de artistas – de pessoas eficientes nos vários modos de expressão” (idem:25). Isto é particularmente verdade quando se está face a um grupo/indivíduo com uma relação difícil/problemática com a educação for-

mal e com o tipo de metodologias utilizadas numa educação com uma estrutura formal mais rígida. Através do lúdico e do trabalho criativo pretende-se encontrar canais de comunicação que podem contribuir para estabelecer uma melhor relação do indivíduo consigo próprio e com o mundo. A inter-relação de sentimentos é significativa e pensa-se que caracteriza a experiência estética tal como se centra no pensamento contemporâneo da educação. Torna-se evidente que o indivíduo necessita de habilidades cognitivas e emotivas para o seu desenvolvimento funcionar efectivamente, dentro e fora do espaço educativo. É este espaço que deve desafiar e encorajar a interacção de pensamentos e sentimentos no indivíduo, através das diferentes áreas e expressões, ajudando-o a encontrar o seu próprio caminho e a lidar com o seu desenvolvimento (Aronoff, op.cit: 9-20).

Neste tipo de intervenção, o educador e os grupos de trabalho são ambos sujeitos no processo de ensino/aprendizagem. Segundo Paulo Freire, a educação pode ser definida como uma experiência que deverá ser basicamente dialéctica, da libertação do Homem, que pode ser realizada apenas em comum no diálogo crítico entre educador e educando (1983). Ainda segundo o mesmo autor, para superar a contradição educador – educando, que é no fundo “essência fenomênica da educação, que é sua dialógica” (Freire, 1982: 18), a educação deverá ser feita através do diálogo, da comunicação. E, para que este diálogo seja possível, as relações entre seus pólos já não podem ser as de contrários antagónicos, mas de pólos que conciliam (Freire, 1972: 18).

Este processo deverá ter como objecto conteúdos que são significativos, relacionados com os contextos vivenciais dos grupos: organizar-se encontros/reuniões com esses grupos no sentido de se promover a reflexão e estabelecer uma relação de comunicação com todos, promover-se espaços lúdicos e de lazer para discussão de temas importantes para os diversos actores, encorajar-se a partilha e a criação de estruturas/espaços que promo-

vam uma participação e um envolvimento genuínos por parte dos diferentes actores.

A Intervenção Educativa numa Comunidade

A intervenção educativa feita no contexto de uma comunidade específica tem de ter em conta que irá trabalhar com um conjunto de actores sociais específicos que estão fortemente ligados a outros actores sociais de forma também específica. Para se poder intervir adequadamente é, assim, necessário, reflectir sobre o conceito de comunidade.

Uma comunidade, será qualquer área de vida comum, aldeia, cidade, distrito ou mesmo uma área maior. Para merecer o nome de comunidade esta área tem que se mostrar, de alguma forma, distinta de outras. A vida comum deverá ter características próprias, de forma a que as fronteiras da área tenham algum significado. “A comunidade é um foco de vida social, de vida comum, de seres sociais” (Poltan, G.A, James, T., 1975:80).

“Uma comunidade organizada ou grupo social dá a um indivíduo a sua ‘unidade de si’ (*unity of self*) em relação ao ‘outro generalizado’ (*generalized other*). Isto quer dizer que as atitudes sociais e grupais surgem no campo de acção directa do indivíduo e estão incluídas na estrutura do seu eu. Assim, o eu, transforma-se numa reflexão individual do padrão geral sistemático do comportamento social e grupal”. (idem:82). A intervenção educativa numa comunidade terá de ter em consideração: a identidade de compromissos, os processos de interacção como comunicação e gestão de conflitos, as tensões entre a pessoa e o eu alargado

“A falta de participação comunitária nos projectos pode levar [ou é consequência de] a que os técnicos se assumam como tendo o papel dos especialistas do conhecimento, que não têm em linha de conta a visão dos utentes, que consideram como não sabendo suficiente-

mente para poderem tomar decisões” (Nelson, N, Wright, S, 1995:197).

Seguindo Isabel Guerra, trata-se de promover o reforço dos mecanismos democráticos na sociedade, acreditando-se na capacidade dos indivíduos, enquanto actores colectivos e individuais e instituições, de se reinventarem, e de serem capazes de inventar novos campos de exercício democrático (2002: 94-97)

“Pretende-se que, na sua forma mais simples, a cidadania seja um conjunto de direitos e de obrigações que envolvem todos os membros virtuais de uma comunidade política, sem olhar a género, idade, etnicidade, níveis de educação, religião ou qualquer outro critério, que possa ser utilizado para restringir uma pertença responsável e excluir cidadãos do exercício, sem barreiras de direitos políticos e deveres críticos” (idem: 97)

Neste sentido, o grande objectivo deste tipo de trabalho será, então, desenvolver poder, capacidades, saberes e experiências das pessoas como indivíduos e como grupos dando-lhes poder para, desta forma, tomarem iniciativas, combaterem problemas sociais, económicos, políticos e ambientais, dando-lhes, assim, capacidades para participarem de forma completa e verdadeira na sociedade como cidadãos conscientes e de pleno direito (S. C.C.D, Charter, 1994:13).

Esta é uma tarefa muito ambiciosa que dificilmente poderá ser realizada se o educador se isolar e conseguir criar uma rede de parcerias no terreno. Como N. Derricourt e J. Dale referem é muito difícil imaginar processos no trabalho comunitário sem estabelecer alianças de trabalho, uma vez que os recursos do educador são modestos. Muitas vezes, estas alianças são feitas por razões diferentes pelas diferentes partes. Os participantes nesta rede devem, então, ser identificados em termos de papéis chave que têm na comunidade e na medida em que detêm objectivos complementares (Derricourt, N, Dale, J, 1994:79-84) .

Acredita-se que o trabalho comunitário deve estar sempre próximo do terreno, o que implica que seja um tra-

balho muito ligado e informado pelos valores dos participantes e pelas suas perspectivas políticas e ideológicas. Isto implica, necessariamente, uma grande reflexão e tomada de consciência das implicações de todas as opções tomadas.

Por outro lado, pensa-se que o trabalho comunitário é essencialmente feito sobre as tentativas de libertação pessoal, através de actividades conjuntas de todos os participantes no processo. É importante não perder de vista que o grande objectivo é o aumentar o poder de grupos excluídos – os mais pobres, idosos, mulheres, minorias étnicas, deficientes,... Isto implica que os educadores tenham uma relação de grande proximidade com os seus grupos de trabalho, uma vez que é essencial uma boa relação de comunicação entre ambos (Waddington, P, 1994). Neste sentido, ainda, o trabalhador social/comunitário, enquanto especialista em necessidades humanas deverá dinamizar os colectivos sempre na procura de compromissos participativos (Quinta, Froufe; Castaño, M. Angeles, 1994: 209)

Fazendo um trabalho próximo dos grupos, acompanhando-os individualmente, atendendo aos percursos de cada um, aos seus problemas e especificidades; trabalhando no sentido de lhes proporcionar a aquisição e/ou desenvolvimento de competências básicas a nível pessoal e profissional, para combaterem e prevenirem os factores que os tornam mais vulneráveis, pretende-se contribuir para que os indivíduos vão adquirindo e/ou desenvolvendo capacidades básicas: autonomia; capacidade para construir projectos de vida próprios, alargando-se as expectativas iniciais; desenvolverem-se enquanto pessoas, através do reforço da sua auto-estima e capacidades relacionais; consciencialização dos direitos e deveres para o exercício da cidadania.

É importante, como já foi defendido, ter em conta que o trabalho comunitário é uma actividade que envolve valores: os dos diferentes actores, procura atingir objectivos ideológicos e a sua prática deve estar envolvida em princípios morais e cívicos.

“Pondo de uma forma simples, o que une todos os actores no trabalho comunitário é o compromisso com o processo de realizar um sonho. É a ideia de que, através da partilha de experiências, o processo de aprendizagem seja feito através da acção, na tentativa de perceber seus problemas e necessidades existentes (...) que através de processos democráticos de organização ao nível das comunidades, se consiga realizar de melhor forma o potencial dos grupos como seres humanos e contribuir para a criação de um mundo melhor e mais justo”. (Waddington, P, op.cit:5-6)

As noções de desenvolvimento pessoal e descoberta de si próprio, promoção de uma identidade local, estruturas de apoio social e capacidade de auto desenvolvimento, são então, elementos intrínsecos deste processo.

Deste modo, a intervenção comunitária assume os grupos como entidades activas, participantes e protagonistas da intervenção e não apenas como objecto dessa mesma intervenção. Existirá, então, na intervenção comunitária, uma interacção informativa, valorativa e interventiva, entre interventor e grupos, onde cada um pode alterar estratégias e influenciar o outro (Costa, R., 2002: 37). Os mesmos grupos, segundo Quintana, deverão, assim, tomar parte activa na intervenção, uma vez que se acredita que ela só será suficiente e efectiva com a participação e colaboração dos sujeitos destinatários da mesma (Quintana, 1984, citado por Quintas; Castaño, op.cit:211).

Apresentação do Projecto Juventudes

O trabalho realizado no âmbito do Projecto *Juventudes* foi desenvolvido tendo em conta objectivos concretos, definidos pela equipa de trabalho para cada um dos grupos. Neste projecto, o objectivo comum a médio/longo prazo, era fazer com que os jovens abrangidos pelo projecto adquirissem competências mínimas (em termos de

comportamentos, novas atitudes, saber estar, etc...), não abandonassem precocemente a escola (cumprindo o máximo de escolaridade possível), adquirissem uma maior auto-estima e criassem uma rede de relações positivas com os grupos de pares, adultos e familiares. Este tipo de competências, acredita-se, poderiam contribuir para evitar que estes jovens enveredassem por experiências de vida que pudessem levar a comportamentos marginais, violência urbana, toxicodependência, a que estes jovens, nestes contextos, são particularmente vulneráveis. É necessário ter sempre em conta que esse trabalho desenvolvido neste sentido implica sempre processos muito demorados e percursos lentos e com avanços e recuos. Acredita-se, no entanto, que através deste tipo de intervenção se pode, de facto, ter uma acção preventiva em relação a alguns problemas sociais muito marcantes neste tipo de comportamentos que, uma vez instalados, são muito mais difíceis e demorados de resolver.

População-alvo do projecto

A população alvo deste projecto era constituída por jovens e crianças residentes numa zona de exclusão social e pobreza da cidade do Porto, dando-se maior atenção àqueles em situação de risco: abandono escolar, situações sócio-familiares difíceis,...

Estavam inscritos em actividades do projecto, em Setembro de 2000, 200 jovens, dos 3 aos 24 anos.

Identificou-se a existência de um grupo alargado de jovens em situação de risco, quer porque a sua situação sócio-familiar é difícil (pais presos/toxicodependentes/alcoólicos/desempregados de longa duração/famílias monoparentais com dificuldades económicas,...), ou em abandono escolar, ou com insucesso escolar ou são desempregados e têm habilitações literárias muito insuficientes.

Objectivos gerais:

O projecto *Juventudes*, tinha como objectivos gerais, apoiar o grupo de jovens/crianças em termos de actividades extra escolares, através de um trabalho de educação não formal, de modo a:

- a) Apoiar o percurso escolar e educativo dos jovens que estavam integrados no sistema escolar;
- b) Apoiar o retorno à escola/a ingresso em cursos profissionais/ingresso no mercado de trabalho de jovens em abandono escolar/desemprego, de acordo com cada situação particular.
- c) Encontrar estratégias para ajudar as crianças e jovens a compreenderem-se melhor a si e aos outros;
- d) Criar estruturas para apoiar as crianças/jovens a desenvolverem as capacidades sociais necessárias para viver num ambiente urbano;
- e) Criar uma atmosfera na qual se promovia e encorajava a auto-confiança, a auto-estima, a capacidade de expressão e a criatividade, estimulando a concretização de projectos próprios;
- f) Um espaço no qual as crianças/jovens fossem encorajados a desenvolver a sua própria autonomia nos processos de tomada de decisão, o que implicaria o aumento e aceitação da responsabilidade pessoal;
- g) Um fórum que desenvolvesse a consciência das crianças/jovens sobre problemas sociais e sobre o seu próprio ambiente para desenvolver o seu sentido de cidadania.

Neste sentido criaram-se oficinas em que se trabalhavam as diferentes necessidades dos jovens/crianças, dando sempre particular atenção ao percurso individual de cada um.

Em termos de objectivos específicos, estes eram sobretudo trabalhados em cada oficina temática (ver anexo I)

Caracterização do projecto

As actividades de animação no âmbito do Projecto *Juventudes* tinham como objectivo proporcionar um cenário para um processo de educação social num contexto de educação não formal. Oferecia-se às crianças/jovens a oportunidade de terem actividades lúdicas, criativas, estruturadas e de auto-expressão que lhes permitiriam desenvolver novas capacidades/saberes e a possibilidade de partilhar experiências de grupo, tanto com adultos como com o seu grupo de pares. Procurou-se atingir estes objectivos através de um programa de actividades que se acreditava poder contribuir para a criação de relações dinâmicas entre crianças/jovens e adultos. Acreditava-se que diferentes expressões – oral e escrita, plástica, musical, corporal, dramática – utilizadas como instrumentos privilegiados de trabalho, permitiam, num contexto de educação não formal, desenvolver capacidades pessoais e sociais importantes, quer para o grupo quer para o indivíduo. Isto é particularmente verdade quando se está face a um grupo/indivíduo com uma relação difícil com a educação formal e com o tipo de metodologias utilizadas numa educação mais tradicional. Através do lúdico e do trabalho com a criatividade acreditava-se que se poderiam encontrar canais de comunicação que pudessem, para além do desenvolvimento dos saberes e capacidades já referidos, contribuir para estabelecer uma melhor relação do sujeito consigo próprio e com o mundo.

A sua operacionalização era conseguida através da realização de oficinas específicas nas quais participavam os jovens, de acordo com a sua idade e com os seus interesses. Assim foram criadas as oficinas de: vídeo; artes para menores e maiores 12 anos; banda desenhada; música e Clube feminino. Cada uma destas oficinas, entregue a técnicos com formações específicas nas diferentes áreas, tinha conteúdos específicos, metodologias específicas e trabalhava diferentes objectivos específicos (ver anexo

II sobre os conteúdos, metodologias e objectivos específicos de cada oficina)

Metodologias utilizadas

A metodologia utilizada neste projecto era sobretudo a organização de actividades lúdicas, criativas, estruturadas e de auto-expressão que permitissem desenvolver novas capacidades/saberes e a possibilidade de partilhar experiências de grupo, tanto com adultos como com o seu grupo de pares. Estes objectivos eram trabalhados através de um programa de actividades que recorria a diferentes expressões – oral e escrita, plástica, musical, corporal, dramática – utilizadas como instrumentos privilegiados de trabalho, permitindo, num contexto de educação não formal, desenvolver capacidades pessoais e sociais que se consideram importantes, quer para o grupo quer para o indivíduo. Acreditava-se, também, numa relação afectiva forte, numa relação mais pessoalizada, construindo-se desta forma canais de comunicação e relações de confiança entre adultos e crianças; crianças/crianças e adultos/adultos.

Necessidades detectadas no público-alvo

O tipo de público que frequentava as actividades do projecto *Juventudes* era, como já foi anteriormente referido, maioritariamente considerado em situação de risco – quer porque a sua situação sócio-familiar é difícil (pais presos/toxicodependentes/alcoólicos/desempregados de longa duração/famílias monoparentais com dificuldades económicas,...), ou porque estavam em abandono escolar, ou eram desempregados com habilitações literárias muito insuficientes. Tudo isto contribuía para que se verificasse, de uma forma geral, uma dificuldade de organização do tempo, desde uma incapacidade de planear o futuro, a dificuldades de concentração numa tarefa, a falta de capaci-

dade crítica em relação a quais são os seus interesses... Assim, não é difícil perceber porque é que de forma geral, estes jovens tinham uma relação difícil com o tipo de ensino convencional, com horários rígidos, obrigatoriedade de frequência, saberes teóricos, um ensino pouco activo, massificado, cuja utilidade prática dos saberes transmitidos é de difícil percepção para os jovens, uma vez que está de facto muito longe do mundo de onde eles vêm.

Desta forma, o projecto *Juventudes* propunha um leque de actividades que proporcionava aos jovens um trabalho participativo, com atenção ao indivíduo e às suas necessidades, gostos, capacidades/competências particulares, procurando veicular conhecimentos/saberes curriculares de uma forma lúdica e activa. Verificou-se, deste modo, que os jovens que frequentavam estas actividades, o faziam de forma livre e espontânea, criando, aos poucos a consciência de que há tarefas para cumprir e que deste modo, há que cumprir horários e certas regras de comportamento. Todas as actividades eram livres, os horários e a calendarização eram discutidos também com os jovens e de acordo com as suas possibilidades (havia um grande cuidado de não fazer coincidir as actividades com horários escolares), trabalhando-se a responsabilização dos jovens pela sua implicação no trabalho que realizavam. “A intervenção educativa pretende complementar a instrução académica e nunca suplantá-la” (Quintas; Castaño, op.cit: 220). Todo este processo era baseado na preocupação da responsabilidade do grupo pelas tarefas, valorizando-se o papel individual, como elemento de um grupo.

Avaliação do Projecto

Progressos e Resultados

Durante a duração deste projecto, nenhum dos problemas detectados no início do trabalho foi resolvido.

Como já foi referido, tratava-se de uma população com problemas estruturais (pais presos/toxicodependentes/alcoólicos/desempregados de longa duração/famílias monoparentais com dificuldades económicas, abandono escolar, insucesso escolar, desemprego e fracas habilitações académicas,...) cuja resolução total nunca foi objectivo deste projecto, não se podendo afirmar que algum destes foi resolvido/erradicado. No entanto, pode-se verificar uma atenuação de alguns destes problemas:

Melhoria significativa da capacidade relacional das crianças/jovens com quem se trabalhou de uma forma regular

No início do trabalho era possível observar-se um constante uso de linguagem verbal muito agressiva – palavrões, tom muito alto, ameaças –, e uma postura física também bastante agressiva (gestos bruscos, empurrões,...) entre si e com os adultos. Não é possível dizer-se que este tipo de atitudes foi totalmente erradicado (até porque este é um processo demorado, uma vez que este tipo de comunicação é muitas vezes o tipo de comunicação que é utilizada nas suas casas e que, por isto mesmo não é visto pelas crianças/jovens como linguagem agressiva, mas sim de utilização normal). Mas passou a ser de facto muito mais raro observar-se. A capacidade de resolução dos problemas das crianças entre si, por exemplo, fazia-se já com o recurso a conversas e mediações, que permitiam o não uso da violência física de forma tão frequente como acontecia anteriormente, pedindo já uma muito maior intervenção dos adultos presentes como mediadores dos conflitos. Para este objectivo, terá concorrido, a nosso ver, o trabalho desenvolvido em todas as oficinas (partilhando objectivos comuns), a consciencialização de todos os técnicos para essa necessidade; a formulação de regras de utilização do espaço e de relacionamento entre todos com as crianças e jovens; as reuniões periódicas com o grupo; a análise de cada caso com e no grupo, no sentido de ser este – e não os adultos – a encontrar a solução mais adequada para o problema. A equipa de trabalho reunia-se mensalmente para discutir os progressos e retrocessos

(individuais e de grupo), planificar actividades e discutir estratégias².

Melhoria na capacidade de concentração nas actividades

Esta, como é evidente, é uma das grandes dificuldades que estes jovens/crianças têm no seu trabalho nas escolas e foi, por essa mesma razão, eleita como prioridade de trabalho do projecto. Não se pode afirmar que isto foi conseguido plenamente, mas foi muito visível uma melhoria no tempo de concentração conseguido: os jovens/crianças no final do projecto conseguiam, muito mais frequentemente, participar nas oficinas e nas actividades propostas do princípio ao fim, sendo capazes de cumprir a tarefa proposta sem interromperem frequentemente; conseguem gerir o tempo em que estão na oficina de uma forma muito mais razoável (tempo de trabalho, tempo de descontração...) e demonstravam uma muito maior preocupação em terminar as tarefas a que se propunham. Acrescente-se, a este facto, que também a pontualidade foi um objectivo conseguido durante este projecto, por parte do grupo-alvo.

Alargamento dos horizontes e aumento das expectativas relativamente ao imaginário físico e às perspectivas de futuro

Ao longo do período que se trabalhou com estes jovens/crianças, tratou-se de questões ligadas ao alargamento do imaginário físico destes (tentativa de desguetização da população do bairro, levando-os a conhecer outros pontos da cidade através de visitas e passeios, e trazendo população de fora a visitar os jovens e apreciar o trabalho que os utentes realizaram através de festas, vendas, teatros...). Mas também se trabalhou o alargamento das perspectivas de futuro que estes jovens/crianças têm. Este último aspecto surgiu como fundamental uma vez que é frequente perceber-se que neste tipo de população os “sonhos” dos jovens/crianças são “demasiadamente” realistas, não esperando normalmente um futuro diferente dos seus pais nem fora dos limites do bairro. A

escola não é vista muito frequentemente como algo com real importância no futuro, sendo o imediato (a criança/jovem não “dá para a escola e o melhor é ir trabalhar para ajudar a família”) tido como mais importante do que um investimento de futuro que seria adquirir maiores habilitações académicas. Neste sentido foi-se fazendo (muito lentamente, com seria de esperar) um trabalho quer com as crianças/jovens quer com as suas famílias, procurando melhorar estas perspectivas.

A partir de certa altura era frequente que o espaço do projecto fosse procurado pelos pais quando os seus filhos estavam a faltar à escola sem o seu consentimento, pedindo que os técnicos da equipa de projecto fossem intermediários, quando os seus filhos diziam querer abandonar a escola, ou quando já o tinham feito para os convencer a voltar, quando os seus filhos estavam com dificuldades específicas em alguma disciplina para haver um apoio da nossa parte. Por outro lado as crianças/jovens sabiam que o projecto via a escola como fundamental nas suas vidas, o que fazia com que procurassem espontaneamente a equipa para apoio para estudo, para ajudar a decidir o que escolher seguir na escola (em termos vocacionais), para servir como mediadora de conflitos com a escola, para apoio na escolha de um curso profissional (quando a idade e as habilitações literárias lhes permitiam) e mesmo para a procura do primeiro emprego. É ainda importante ter em conta que ocorreu a verbalização de certas perspectivas profissionais por parte dos jovens/crianças perspectivas essas que implicavam, a partir de certa altura, a frequência de um curso superior: veterinária, biologia, línguas e literaturas modernas, jornalismo,... Isto poderá ser interpretado como um sinal de que os horizontes do imaginário deste grupo estavam, paulatinamente, a ser alargado pela acção directa e indirecta do trabalho realizado pela equipa de projecto.

Ao procurar avaliar o percurso feito, é necessário ter em conta que em termos de resultados, este tipo de interven-

ção é, por natureza, um processo lento e de resultados pouco quantificáveis. Por tudo o que foi exposto no ponto anterior é possível esperar que este tipo de intervenção – muito mais preventiva do que forma de resolução deste tipo de problemas – tenha um impacto positivo na melhoria das condições de vida dos jovens/crianças com quem se fez um trabalho contínuo de educação não formal e de acompanhamento individualizado. O facto de dotar estes jovens de perspectivas de vida diferentes, de horizontes físicos e imaginários alargados, de se contribuir para um aumento das suas qualificações académicas e profissionais, de lhes ter sido proporcionado um maior acesso à informação e às tecnologias de informação, assim como uma muito maior familiaridade com o diálogo e a troca de ideias, é a nosso ver uma forma eficaz de prevenir fenómenos tão difíceis de lidar/resolver uma vez instalados. Estes seriam por exemplo fenómenos como a toxicod dependência, alcoolismo, desemprego, abandono precoce da escola, violência urbana, entre muitos outros.

Este objectivo a que se propôs o projecto é, como se pode perceber facilmente, um objectivo extremamente ambicioso e até pouco realista, se se estabelecesse como algo que num período limitado de tempo se viria a atingir na sua globalidade. Seria esperar o impossível que todos ou a grande maioria dos jovens/crianças com quem trabalhamos tivessem à sua frente um futuro muito diferente do que os seus pais e familiares tiveram. É necessário ter em conta que o nosso trabalho é apenas uma das forças que existem na vida destes jovens e que o trabalho terá tanto maior impacto quando mais precoce e continuada for a intervenção. Neste sentido, o facto de mudar alguns aspectos da vida a um punhado de jovens cujas perspectivas eram muito pouco animadoras, poderá ser visto como um resultado muito positivo da acção levada a cabo. Isto não invalida, como é evidente, que se deseje e que se trabalhe no sentido que o efeito positivo atinja o maior número possível de jovens³.

O que mudou na situação particular de cada jovem/criança

Como se pode depreender da leitura dos objectivos deste projecto e dos comentários que a este propósito forma já feitos, este foi um trabalho feito muito ao nível das necessidades/problemas particulares, pelo que é muito difícil quantificar o que mudou para cada um dos 200 inscritos, na sua situação particular. No entanto, é possível dizer que se verificaram situações de melhoria no aproveitamento escolar, ingresso no mercado de emprego, ingresso na escola após abandono, ingresso em cursos profissionais, melhoria de relações interpessoais no grupo de pares e em relação aos adultos.

A nível individual, pode-se considerar que se verificaram melhorias, embora pequenas: ao nível da autoestima, da capacidade de planeamento de futuro

Em termos de relações sociais, verificou-se uma melhoria da capacidade relacional, quer com o grupo de pares, quer com os adultos (linguagem corporal e verbal menos agressiva) pelo menos no que diz respeito às actividades desenvolvidas pelo projecto.

A nível académico, verificaram-se alguns casos de retorno à escola (4 casos); uma melhoria significativa de notas através do apoio ao estudo (14 casos de jovens que estavam com várias negativas e que no fim desse ano lectivo 1999/2000 conseguiram passar); verbalização frequente por parte dos jovens de vontade de prosseguir os estudos até ao ensino superior

Em termos profissionais, houve alguns casos de encaminhamento feito para o Clube de emprego – cursos profissionais, apoio pedagógico e procura de emprego

No que diz respeito aos efeitos do projecto sobre instituições e outros agentes indirectamente ligados com o projecto *Juventudes*, pode-se observar que, em relação às instituições locais, se foi criando, cada vez mais uma relação com algumas instituições locais, salientando-se o Centro de Saúde da área geográfica de implementação

do projecto (através do trabalho da equipa de saúde pública com o grupo de jovens – sobretudo o Clube Feminino) e o IRS – equipa Porto Oriental (contactos de parte a parte para saber/dar informações sobre jovens/famílias que são comuns às duas instituições). Em relação às escolas verificou-se uma melhoria na qualidade e quantidade de relações estabelecidas com os estabelecimentos de ensino que os jovens/crianças frequentavam.

No ano lectivo 1999/2000 a equipa de projecto iniciou um trabalho muito mais articulado com as escolas que as crianças/jovens frequentavam. Estes contactos, permitiam à escola e à equipa de projecto conhecerem diferentes aspectos das crianças/jovens com quem trabalhavam, permitindo um maior controlo para situações de risco, seja de abandono escolar ou de reprovação, problemas comportamentais, dificuldades de aprendizagem, etc... Por outro lado, as crianças/jovens começaram efectivamente a utilizar os recursos materiais e técnicos do projecto no apoio às tarefas escolares (biblioteca, atelier de informática, Internet...) e a própria escola começou a valorizar o trabalho efectuado pelas crianças/jovens em diferentes áreas. O projecto (e o trabalho desenvolvido), começou a ser visto, não como “concorrente” e como algo que dispersa a atenção das crianças da escola, mas como uma ponte entre a escola e o meio familiar das crianças (sendo solicitada com alguma frequência por algumas escolas como apoio em situações de crianças com histórias de vida particularmente complicadas: contacto com os pais quando a escola se sente impotente para o fazer; apoio em aspectos do currículo escolar em que as crianças tinham particular dificuldade; apoio em casos de indisciplina na escola, complemento de informações relativas aos processos individuais dos nossos utentes...) assim como um apoio efectivo nas tarefas escolares. Este último aspecto surgiu como particularmente importante uma vez que se verificou que as crianças depois de saírem da escola

primária, deixavam de poder contar com o apoio dos ATL para fazerem os seus trabalhos de casa. Uma vez que neste meio, as habilitações académicas das famílias são reduzidas, as crianças não podendo contar com ajuda dentro da unidade familiar, necessitavam de um maior acompanhamento no estudo do que crianças de outros meios socioculturais.

É no entanto importante salientar o facto de estas relações poderem e deverem ser cada vez mais estreitas e frequentes, uma vez que se reconhece que existia ainda muitas vezes um fosso de comunicação entre a equipa de projecto e as Escolas. Um dos objectivos que se sente, ficou por atingir, foi o fortalecimento desta relação.

No que diz respeito à comunidade local em geral verificou-se um maior envolvimento dos pais/encarregados de educação nas actividades propostas, quer como público espectador dos teatros, danças, festas e vendas nas quais os seus filhos estão envolvidos, quer por uma crescente procura do projecto como apoio e como mediador de conflitos (com a escola, entre jovens/crianças, internos nas famílias) quer, por outro lado por uma procura de actividades onde eles próprios pudessem participar (actividades do Projecto com a Terceira Idade, aulas de aeróbica, Biblioteca), actividades das quais tiveram conhecimento ao deslocarem-se para tratar de assuntos relacionados com os seus filhos.

Em Setembro de 2000, a equipa de técnicos e responsáveis pelas oficinas do projecto, tomou uma decisão difícil – a de abandonar a equipa do projecto *Juventudes*. Tal decisão, que foi muito ponderada por parte de todos, deveu-se, fundamentalmente, a divergências entre a equipa de terreno, e a equipa de supervisão técnica do projecto. De facto (e como negá-lo?), todos os técnicos, de forma consciente ou inconsciente, defendiam uma concepção de pessoa, de projecto e de filosofia de intervenção. Por outro lado a equipa dirigente não apoiava este tipo de orientações e preocupações (ex: no dia em que a equipa do projecto anunciou a decisão de sair, após dois anos de

trabalho com a PSP, projecto “Escola Segura”, a técnica substituta chamou a polícia porque duas crianças de 9 anos saltaram os muros, para jogar futebol com os seus amigos que se encontravam no ATL, acusando-os de invasão de propriedade privada). No nosso caso, sempre acreditamos que o trabalho deveria ser feito com e para as pessoas, ainda que pudesse tornar-se um processo lento, demorado e com resultados não facilmente perceptíveis. Para nós, as pessoas dificilmente se transformariam em números porque esses, nunca poderiam revelar nem a intensidade nem a forma como decorreu o trabalho. Por outro lado, se para Isabel Guerra “as pessoas não são coisas que se metam em gavetas”, para nós, também não são objectos: são pessoas reais, com problemas reais, com nome, família e, acreditamos nós, vontade de influenciar o curso das suas próprias vidas. Foi por elas e com elas que trabalhamos e é nelas que continuamos a acreditar... Utopia... talvez não?

Referências Bibliográficas

- ARONOFF, Francis Webber (1979) *Music and Young Children*, USA, Expanded Edition
- BESNARD, Pierre (1991), “La Animación Sociocultural”, Barcelona, in *Pour*, dir. Paul Harvoir, (1996) nº especial, *Pour une politique de la jeunesse et du développement culturel*, Paris
- DERRICOURT, N., DALE, J. (1994) “Mapping the Community Work Minefield – Working in an Unpredictable Arena”, in Jacobs, S., People, K., *Community Work in the 1990's*, Nottingham, Russell Press Ltd
- FREIRE, Paulo (1972), *Pedagogia do Oprimido*, Porto, Afrontamento
- FREIRE, Paulo (1972), *Uma Educação para a Liberdade*, Porto, Publicações Escorpião
- FREIRE, Paulo (1983), *Educação como Prática de Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra
- GUERRA, Isabel Carvalho (2002), *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*, Cascais, Principia (2ª edição)
- MAGALHÃES, F. (2000) *Sociologia da Educação – trajectória dos modelos teóricos e das repercussões práticas*, Lisboa, ISCE
- NELSON, N., Wright, S. (1995), *Power and Participatory Development, Theory and Practice*, London, Intermediate Technology Publications
- NYE, Robert (1985) *Music in the Elementary School*, University of Oregon, 5th Ed.
- POLTAN, G. A., JAMES, T (1975), *Pre-school learning in the community*, London and Boston, Routledge and Kegan Paul Limited

PORCHER, L. (1977) *A Escola Paralela*, Lisboa, Livros Horizonte
QUINTAS, Froufe Sindo; CASTAÑO, M. Angeles Sánchez (1994), *Planificación e intervención socioeducativa*, Salamanca, Aramú Ediciones, 2ª edição
READ, Herbert (1982), *Educação pela Arte*, Porto, Edições 70, col. Arte e Comunicação
S.C.C.D., Charter (1994), *Definitions of community Work, a working statement on community development*, London, ACW Skills manual
WADDINGTON, P., "The Values Base of Community Work", in Jacobs, S., People, K. (1994) *Community Work in the 1990's*, Nothingam, Russell Press Ltd.
VÁRIOS (2002), *Intervenção Social e Comunitária. Promover a Inclusão. Guia prático de orientação*, Lisboa, Hugin

Anexo I

Os objectivos a curto prazo específicos de cada oficina

Vídeo

Objectivos: – trabalhar: capacidade de concentração e de cuidado e respeito pelo material; familiarizar os jovens com a linguagem e a lógica das tecnologias utilizadas; noções básicas de espaço; capacidade de expressão escrita; trabalho de grupo, capacidade de planificação de um projecto de; desenvolver a ideia de ficção, identificar e potenciar o interesse pelas actividades audiovisuais enquanto via profissional.

Artes

Menores de 12 anos

Objectivos: trabalhar: capacidade de concentração; imaginação e criatividade, noções básicas de formas, espaço e cor.

Maiores de 12 anos

Objectivos: trabalhar: capacidade de; conteúdos (muito) básicos de matemática e gestão; noção de figura humana, representação da figura humana, projecção de imagens, movimento do corpo, trabalho de luz e de som

Banda desenhada

Objectivos: estimular e desenvolver: capacidade de concentração; rigor, desenvolvimento da motricidade fina e coordenação motora, noções de forma cor e espaço; capacidade de imaginação/criatividade; expressão escrita.

Música

Objectivos: estimular e desenvolver: capacidade de concentração coordenação motora; capacidade de imaginação/criatividade; educação auditiva e do gosto musical.

Clube feminino

Objectivos: através da discriminação positiva, promover: auto estima das adolescentes envolvidas, sentimento de pertença a um grupo e ao espaço do projecto; um espaço de discussão e esclarecimento de assuntos que lhes são importantes nos quais não teriam normalmente apoio e orientação

Anexo II

Vídeo

População alvo: jovens da área de acção do projecto.

Conteúdos: – os "home-vídeos": atitude profissional com material amador (câmara-vídeo hi-8, montagem VHS)

Objectivos: – trabalhar: capacidade de concentração e de cuidado e respeito pelo material (atenção aos pormenores, ao trabalho dos outros, carregar devagar nos botões, não deixar cair a câmara,...); familiarizar os jovens com a linguagem e a lógica das tecnologias utilizadas (perceber o processo de produção e realização de programas de televisão, cinema, etc, utilizar a simbologia dos materiais: câmara, hi-fi,...); noções básicas de espaço (os planos de filmagem, filmar à direita, ao centro,...); capacidade de expressão escrita (guiões e story-board); trabalho de grupo (cada participante tem um papel dife-

rente no mesmo projecto comum), capacidade de planificação de um projecto de trabalho (escolha do local; pedido de autorização; marcação da carrinha, hora, etc,...); desenvolver a ideia de ficção (construção de imagens e da realidade), identificar e potenciar o interesse pelas actividades audiovisuais enquanto via profissional.

Artes

População alvo: jovens da área de acção do projecto.

Menores de 12 anos

Conteúdos: técnicas de pintura variadas (pincel, digi-tinta, carimbos com vegetais); técnicas de colagem; técnicas de modelagem.

Objectivos: trabalhar: capacidade de concentração (atenção aos pormenores, aos acabamentos, ao que a formadora explica,...); imaginação e criatividade (procura-se estimular a imaginação através da educação pela arte), noções básicas de formas, espaço e cor.

Maiores de 12 anos

Conteúdos: técnicas de pintura variada; técnicas básicas de carpintaria; técnicas básicas de construção de cenários; técnicas básicas de teatro de sombras; técnicas básicas de olaria e trabalho em barro.

Objectivos: trabalhar: capacidade de concentração (atenção aos pormenores, cuidado com a qualidade dos acabamentos, com a técnica utilizada); criatividade (depois de assimilados os conteúdos técnicos ensinados, os participantes são estimulados a criar as suas próprias obras, o seu estilo pessoal); conteúdos (muito) básicos de matemática e gestão (é transmitida aos participantes a preocupação de que as obras criadas são destinadas à posterior venda – cálculo de preços de cada peça para o público, o que implica um cálculo das despesas de material, tempo despendido; etc.); noção de figura humana, representação da figura humana, projecção de imagens, movimento do corpo, trabalho de luz e de som (oficina de teatro de sombras).

Banda desenhada

População alvo: jovens da área de acção do projecto.

Conteúdos:

Objectivos: estimular e desenvolver: capacidade de concentração (atenção ao pormenor, observação cuidada); rigor, desenvolvimento da motricidade fina e coordenação motora (através da técnica utilizada), noções de forma cor e espaço; capacidade de imaginação/criatividade (criação de histórias); expressão escrita.

Música

Público alvo: jovens da área de acção do projecto.

Conteúdos: noções básicas de expressão musical (grave, agudo, acelerando, ralentando, forte, piano,...); execução de instrumentos Orff; o canto/expressão vocal; trabalhar um conhecimento de estilos de música mais vasto, construção de bandas sonoras para peças de teatro, vídeos,...

Objectivos: estimular e desenvolver: capacidade de concentração (atenção auditiva) coordenação motora (atenção ao gesto e à coordenação com o som); capacidade de imaginação/criatividade (criação de sons, histórias sonoras, bandas sonoras, pequenas melodias, construção de instrumentos de percussão com materiais de desperdício,...); educação auditiva e do gosto musical.

Clube feminino

Público alvo: adolescentes do sexo feminino da área de acção do projecto

Conteúdos:

- Criação de um espaço de convívio para estas adolescentes;
- promoção de actividades especificamente dirigidas a este grupo (aeróbica, passeios, ...);
- visionamento e discussão de filmes;
- apoio pontual de técnicos especializados, especial atenção ao trabalho com médicos do Centro de Saúde.

Objectivos: através da discriminação positiva, promover: auto estima das adolescentes envolvidas, sentimento de pertença a um grupo e ao espaço (jogos e sessões de dinâmica de grupo); um espaço de discussão e esclarecimento de assuntos que lhes são importantes nos quais não teriam normalmente apoio e orientação (eleição de temas, visionamento de filmes afins e posterior discussão que pode contar com o apoio de técnicos convidados); esclarecimento de dúvidas e problemas específicos (através de um trabalho estreito com uma médica do Centro de saúde).

¹ "La animación debería convertir-se en pedagogía de comprensión y de intervención (...). "(...) organizar relaciones con mayor libertad y autonomía; permitir una elección más personal de las actividades y de las relaciones; dar 'vida', reconociendo la existencia de un sujeto autónomo que participe en el desarrollo del mundo al que pertenece, no seguir asegurando la transmisión de una habilidad y tener en cuenta la diversidad de situaciones".

² A equipa de trabalho do projecto Jovens em Acção era, acreditamos uma equipa com características especiais. Era formada por técnicos competentes e comprometidos com o projecto. Foram todos convidados para integrar a equipa pelas suas experiências artística e educativa. Eram quase na totalidade técnicos com uma formação académica bastante elevada (quase todos tinham mestrado nas respectivas áreas e os restantes eram licenciados). Eram contratados como trabalhadores independentes de quem inicialmente só era pedido para trabalharem 2 a 6 horas por semana. No entanto este projecto foi crescendo e envolvendo a equipa que colaborava muito mais (em qualidade e em quantidade) do que tinha inicialmente sido acordado. O trabalho foi tornando esta equipa cada vez mais coesa e implicada no trabalho e com as pessoas com quem trabalhava, tendo-se gerado entre todos uma relação forte. Esta relação tronou-se num dos grandes apoios deste trabalho, sem a qual este nunca teria sido possível.

³ É importante ter em conta que o carácter lento e de pouca visibilidade, com poucos resultados a curto prazo que é inerente a este tipo de trabalho, implica que para que os resultados sejam de facto visíveis este trabalho deve acontecer durante um período alargado de tempo. Ao interromper estes processos ao fim de dois ou três anos está-se de facto a pôr em risco todo o processo, todo o caminho feito. Sem projectos que continuem a apoiar os grupos com quem se iniciou uma caminhada destas, os resultados podem mesmo ser negativos. Há de facto o risco (por menor que seja) de se ter despertado curiosidades, mostrado o que existe "do outro lado". Por um período de tempo os jovens envolvidos tiveram acesso a esse "outro lado", ao qual alguns deixam novamente de poder aceder, agora com a consciência de que, sozinhos, dificilmente será para eles.